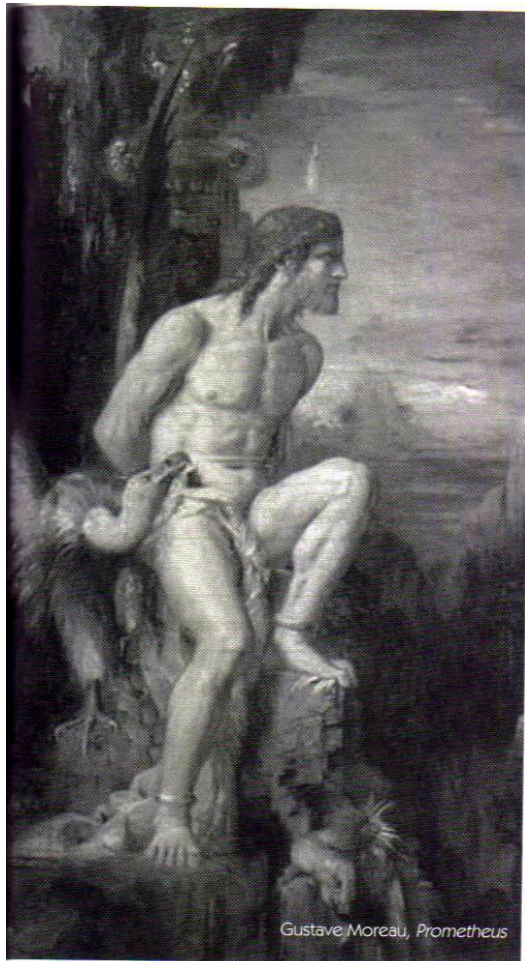


“Memorial do Convento”

A matéria e o sonho: o Convento e a Passarola



Ao longo de todo o romance facilmente se constata a importância da matéria e do sonho, intimamente relacionados. Com efeito, tanto o convento de Mafra como a passarola (a matéria) são o resultado do sonho humano, da vontade que o homem sempre manifestou em ultrapassar os seus acanhados limites de mortal, aproximar-se de Deus através de criações que não só mostrem o seu talento e engenho como dêem provas da sua superioridade no universo e transformem o etéreo em matéria e forma.

No fundo, “são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita” (115). E quantas vezes o mesmo sonho é partilhado por várias almas! Atentemos em Bartolomeu, Baltasar e Blimunda que “em tantas noites passadas, uma terá havido, pelo menos, em que sonharam o mesmo sonho, viram a máquina de voar batendo as asas, viram o sol explodindo em luz maior” (119). No entanto, fica-nos uma certeza, “os sonhos são como as pessoas, acaso parecidos, mas nunca iguais” (121).

O sonho potencia a criação, liberta o homem dos seus limites de Prometeu agri-lhoado e torna possível aquilo que era risível, utópico, considerado impossível: “é para isto que sobem os sonhos alto” (209/210).

A Lenda de Prometeu

Prometeu é considerado como o criador dos primeiros homens, que moldou em barro. Mas esta lenda não figura na *Teogonia*, onde Prometeu é simplesmente o benfeitor da humanidade e não o seu criador. Foi por amor aos homens que Prometeu enganou Zeus. Primeiro em Mecone, durante um sacrifício solene, dividiu em duas partes um boi: pôs para um lado a carne e as entranhas do animal, cobrindo-as com a pele; aos ossos, despojados da carne, cobriu-os com gordura, tingindo-os assim de branco. Disse depois a Zeus que escolhesse a sua parte, deixando o resto aos homens. O deus optou pelo esqueleto coberto de banha e, quando descobriu que nesse quinhão só havia ossos, ficou revoltado contra Prometeu e contra os mortais, que a sua astúcia tinha favorecido. Para os punir, decidiu deixar de lhes enviar o fogo. Então, Prometeu auxiliou-os uma vez mais: roubou algu-

mas sementes de fogo «à roda do Sol» e levou-as para a Terra, escondidas num caule de fêrula. Outra tradição conta que ele tirou o fogo da forja de Hefesto. Zeus puniu os mortais e o seu benfeitor. Aos primeiros, enviou-lhes uma criatura por ele expressamente forjada para o efeito — Pandora (v. *Pandora*). Quanto a Prometeu, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que uma águia, filha de

Equidna e de Tífon, lhe fosse comendo o fígado, que se ia renovando incessantemente. Jurou ainda pelo Estige que jamais libertaria o traidor. Contudo, Hércules passou pela região do Cáucaso e trespassou com uma flecha a águia de Prometeu, terminando assim o seu cativeiro. Zeus, orgulhoso do feito de seu filho que ampliaria ainda mais a sua glória, não protestou, mas para que o seu juramento não fosse vão, obrigou Prometeu a usar um anel feito do aço dos seus grilhões, com um pedaço da rocha a que estivera preso: assim, um elo de aço continuaria a unir o Titã ao seu rochedo. Foi nessa altura que o Centauro Quíron, ferido por uma das flechas de Hércules, desejou morrer, não conseguindo suportar a dor dos ferimentos. Como ele era imortal, teria de encontrar alguém que aceitasse a sua imortalidade em troca da condição de mortal. Prometeu prestou-lhe esse serviço, tornando-se imortal em vez dele. Zeus aceitou a troca e a imortalidade do Titã de bom grado, na medida em que ele lhe prestara um grande serviço, revelando-lhe um antigo oráculo segundo o qual o filho que nascesse de Zeus e de Tétis seria mais poderoso do que o seu progenitor e destroná-lo-ia (v. *Tétis*).